


FRASES PERIÓDICAS: A ARGUMENTAÇÃO NO GÊNERO FÁBULA

PERIODICAL SENTENCES: ARGUMENTATION IN THE FABULA GENRE

Artigo Original

Flávia Cristina Candido de Oliveira ¹ <https://orcid.org/0000-0003-3993-0697>Danielle Bezerra da Ponte ² <https://orcid.org/0000-0002-3745-2444>

RESUMO

A Análise Textual do Discurso, fundada por Adam, concebe a ideia de que somente a análise textual não pode ser engessada, pois o texto é, em sua realidade, bastante heterogêneo. Dessa forma, o estudo da estrutura composicional compreende a organização das macroproposições em agrupamentos de características denominados sequências textuais prototípicas e o discurso. O presente trabalho tem por objetivo investigar a presença de argumentação por meio de frases periódicas no gênero fábula. Para isso, tomou-se por base as definições sobre frase periódica de Adam (1992; 2008; 2009; 2019). A pesquisa apresenta perfil teórico-prático e está classificada como descritivo-explicativa, pois descreve o fenômeno das frases periódicas argumentativas em um *corpus* de dez (10) fábulas de Esopo, textos de natureza narrativa. Constatou-se, por meio dos dados recolhidos e analisados, que, nas fábulas de Esopo, há a presença de argumentação por meio de frases periódicas e, também, percebeu-se a presença de frases periódicas elementares. Por fim, a pesquisa em questão é mais uma contribuição para a Linguística Textual, principalmente, acerca do estudo do protótipo das sequências textuais em seus aspectos de sequência dominante e sequência dominada.

Palavras-chave: Sequência textual. Argumentação. Frase periódica. Gênero literário. Fábula.

Abstract

The Textual Analysis of Discourse, stated by Adam, conceives the idea that only textual analysis cannot be hampered, because the text is, in its reality, quite heterogeneous. In this way, the study of the compositional structure comprehends the organization of macro propositions in groupings of characteristics called prototypical textual sequences and the discourse. The present work aims to investigate the presence of argumentation through periodic sentences in the fable genre. For this, the definitions of periodic sentences by Adam (1992; 2008; 2009; 2019) were taken as a basis. The research presents a theoretical-practical profile and is classified as descriptive, as it describes the phenomenon of periodic argumentative sentences in a corpus of ten (10) Aesop's fables, texts with a narrative nature. It was verified, through the collected and analyzed data, that, in Aesop's fables, there is the presence of argumentation through periodic sentences, also, the presence of elementary periodic sentences was noticed. Finally, the research in question contributes to the studies of Textual Linguistics, mainly on the heterogeneity of texts.

Keywords: Textual sequence. Argumentation. Periodic sentence. Literary genre. Fables.



Copyright (c) 2025 Essentia - Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú
This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

¹ Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professora Adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú. UVA. Sobral. Brasil. Ceará.

² Discente do Curso de Letras Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Corretora em plataformas online de redação. UVA. Sobral. Brasil. Ceará.

INTRODUÇÃO

As pesquisas a respeito da Análise Textual do Discurso trabalham com a concepção de sequências textuais, estruturas internas aos textos que permeiam os gêneros. Dessa forma, os textos são formados por sequências textuais distintas, logo são heterogêneos. Devido a isso, pode se observar a presença de várias características constituintes de diversas sequências em um único texto.

Nessa perspectiva, algumas pesquisas tratam do estudo das frases periódicas e também do gênero fábula, entretanto a grande maioria é voltada para o Ensino Fundamental Anos Iniciais. Nesse sentido, Silva (2019) realizou uma pesquisa que teve como objetivo criar condições epistemológicas, buscando avançar a discussão sobre as unidades linguísticas ditas “intermediárias” entre o signo e o texto, o que pode explicar o surgimento de inúmeras classificações, como a frase e a preposição.

A pesquisadora dedicou um trecho de seu trabalho para falar das frases periódicas. Segundo Silva (2019), essas frases podem ocorrer em um período ou em dois, mas não formam uma sequência claramente tipificada e os constituintes dela são formados por conectores, como “mas”.

Ademais, Marquesi (2013) realizou uma pesquisa que tinha como objetivo central discutir aspectos da Análise Textual dos Discursos que orientam uma metodologia de aprendizagem autônoma por graduandos. Ao decorrer da investigação, a autora teceu brevemente uma consideração a respeito da frase periódica de acordo com o *corpus* que havia analisado, chegando à conclusão de que essa frase se apresentou como um segmento argumentativo curto.

Dessa forma, as pesquisas supracitadas, ainda que com objetivos diferentes da proposta desta pesquisa, tratam por outro prisma do mesmo objeto de estudo: frases periódicas. Esta pesquisa leva em consideração a heterogeneidade textual através da análise da presença de argumentação no gênero fábula, de natureza narrativa, apoiado em pressupostos teóricos da Análise Textual do Discurso, no protótipo da sequência textual narrativa e na concepção de frases periódicas argumentativas de Adam (1992; 2008; 2009; 2019). Por fim, o objetivo desse estudo é investigar a recorrência de argumentação por meio de frases periódicas no gênero textual fábula.

A pesquisa apresenta um perfil teórico e é considerada como de tipo descritivo-explicativa, composta por um *corpus* de dez (10) fábulas de Esopo. Essas fábulas foram escolhidas de acordo com o critério de menor popularidade, englobando textos que apresentavam ou não diálogos, não se levando em consideração a extensão dos textos. Inicialmente, levantou-se como hipótese que as fábulas com diálogo e maior extensão apresentariam mais frases periódicas.

Para a demonstração dos resultados, o artigo está organizado em duas seções. A primeira refere-se aos postulados teóricos com três subseções. A primeira das subseções trata do protótipo da sequência textual narrativa. A segunda aborda algumas considerações a respeito da

argumentação e das frases periódicas. A terceira subseção demonstra as considerações sobre a presença de argumentação no gênero fábula, levantadas por Adam (2019) ao analisar a fábula "O lobo e o cordeiro". Por conseguinte, a segunda parte do artigo refere-se à metodologia e à análise dos dados extraídos do *corpus* de dez (10) fábulas.

Dessa forma, a pesquisa em pauta almeja suprir a lacuna deixada pelas demais pesquisas que não tratam das frases periódicas como objeto de investigação de forma *stricta* em textos do gênero fábula.

Por fim, compreendeu-se como a argumentação por meio de frases periódicas foi identificada nas fábulas de Esopo. A próxima seção deste artigo trata do protótipo da sequência textual narrativa, enfatizando a estrutura composicional comum aos textos de natureza narrativa.

SEQUÊNCIA TEXTUAL NARRATIVA, FRASES PERIÓDICAS E GÊNERO FÁBULA

Na proposta deste artigo, buscou-se tecer aspectos pertinentes à sequência textual narrativa, à argumentação e às frases periódicas. Num primeiro momento, percorreu-se sobre o protótipo da sequência textual narrativa, ou seja, as concepções estruturais básicas a todo texto narrativo. Em seguida, tomou-se por base a argumentação e a diferenciação que Adam (2019) faz entre a argumentação, como uma função da linguagem, e uma sequência textual argumentativa. Posteriormente, houve um momento para a introdução das frases periódicas, abordando sua definição e a diferença dessas frases para um protótipo argumentativo. Por fim, abordou-se sobre uma análise, feita por Adam (2019 [1992]), da materialização de uma frase periódica dentro da fábula "O lobo e o cordeiro".

Protótipo da sequência narrativa: considerações

O protótipo da sequência textual narrativa corresponde à estrutura interna, que permeia e atravessa os gêneros de natureza narrativa (Adam, 2009). Tal protótipo define seis componentes básicos a todos os textos narrativos, como, por exemplo, as fábulas. Ademais, a adoção de uma concepção de estrutura comum a todos os textos, narrativos como supracitado, difere-se da noção de classificá-los como simples tipologia textual, pois esta noção engessa os textos e cada um deles possui uma realidade bastante heterogênea (Adam, 2008). Por fim, as concepções estruturais básicas a todos os textos de natureza narrativa são: Sucessão de acontecimentos; Unidade temática; Predicados transformados; Unidade de um processo; A casualidade narrativa da colocação em intriga; Avaliação final.

Anterior à estrutura narrativa, vale-se mencionar nesta pesquisa, ainda que brevemente, a respeito da heterogeneidade textual e a intenção de trabalhar o protótipo da sequência narrativa neste trabalho. Segundo Adam (2009, p. 124), a abordagem sequencial heterogênea apresenta-se de duas formas "A abordagem seqüenciais (*sic*) permite considerar o caso de estruturas seqüenciais

(sic) heterogêneas. Dois novos casos de figura se apresentam então: a inserção de seqüenciais (sic) heterogêneas e a dominante sequencial.”

Na primeira relação mencionada, a seqüência inserida é mais ou menos marcada, sabe-se lugar de início e fim, e mais ou menos completa, posta em relação à seqüência inserinte. Segundo Adam (2009), a presença de uma descrição em um romance pode ser classificada como a seqüência narrativa, no caso do romance, é a inserinte e a descritiva a inserida na narrativa.

Quanto à segunda relação mencionada, a dominante sequencial se dá segundo a fórmula [seq dominante > seq dominada], ou seja, pode haver na seqüência dominada a atuação de uma “mistura” de seqüências. Adam (2009) afirma que o destaque de macroposições pelo uso de conectores argumentativos, por exemplo, culmina em [seq narrativa > seq argumentativa].

Dessa forma, compreende-se que a análise da argumentação por meio de frases periódicas no gênero fábula não corresponde a uma relação de inserção de seqüências, pois não há a inserção mais ou menos completa da seqüência argumentativa no protótipo narrativo. Portanto, esta seção busca apresentar a estrutura de seqüência dominante, a narrativa, para, posteriormente, ser analisado a presença das frases periódicas como dominadas pela narrativa.

Segundo Adam (2019), a essência para existir uma narrativa é a sucessão de fatos, acontecimentos, que haja uma temporalidade conduzida por uma tensão. Na seqüência, o próximo critério da narrativa é a linearidade, ou seja, “a unidade temática”, que está em torno da presença de, pelo menos, um ator ou até mesmo uma coletividade. Ademais, têm-se os “Predicados transformados”, esses correspondem a um sujeito de um determinado espaço, no início da seqüência, num determinado instante, no fim da seqüência.

Ainda de acordo com Adam (2019), há a “Unidade de um processo”, ou seja, para ocorrer a narrativa é necessária uma transformação de predicados ao decorrer do texto, bem como compreender a noção de processo que permite a realização do componente temporal, quebrando a simples concessão de acontecimentos. Ademais, existe “A casualidade narrativa da colocação em intriga”, esta infere que a narrativa ao ser construída assume um mundo, em que o narrador e o autor estão presos às premissas postas pela narração, assim, o mundo criado supera a lógica estabelecida pela intriga. Outrossim, há a “Avaliação final”, em que consiste num complemento da seqüência narrativa: a avaliação moral. Por fim, a razão de tratar desse aspecto deu-se pela necessidade de compreender a estrutura comum aos textos narrativos, além de servir para demonstrar que não há argumentação na estrutura narrativa das fábulas *a priori*, pois a argumentação que estiver presente é, em suma, deslocada.

Dessa forma, os textos de natureza narrativa podem apresentar esses seis componentes estruturais. Entretanto, cabe destacar, como já supracitado, que os textos são heterogêneos (Adam, 2008). Tendo isso em vista, a próxima seção trata da argumentação e como ela pode ser encontrada em textos de natureza narrativa, enfatizando as frases periódicas como meio para tal manifestação.

Argumentação e frases periódicas: conceituações

A argumentação está mais para uma quarta ou sétima função da linguagem, segundo Adam (1992), o autor busca diferenciar o princípio argumentativo de uma sequência textual argumentativa. Essa noção é útil para compreender como se apresenta estas unidades textuais: há a argumentação e o protótipo argumentativo, este compreende uma estrutura dos textos de natureza argumentativa com <tese, dados, suporte/refutação/conclusão> e há as frases periódicas. Tais frases podem ser compreendidas como parte de um período, esses períodos podem ser diferenciados de uma estrutura “[...] muitas vezes apenas por uma questão de grau [...]” (ADAM, 2019, p. 47), ou seja, como partem de um determinado período, as frases periódicas correspondem apenas a uma parte desse período, sendo extensivamente menores. As sequências são formadas por períodos e as frases periódicas podem se apresentar em textos de outra natureza como, por exemplo, a narrativa. Por fim, sabendo a delimitação do que é cada uma das partes mencionadas, cabe discorrer a respeito da argumentação por meio de frases periódicas em textos narrativos.

Quanto à argumentação, Adam (1992) recorre a diversos pesquisadores, como Toulmin e Ducrot, para chegar a uma consideração a respeito da argumentação, entretanto pode-se extrair em Adam (2019) que:

[...] um discurso argumentativo para intervir nas opiniões, atitudes ou comportamentos de um interlocutor ou com um auditório, tornando crível ou aceitável um enunciado (conclusão) apoiado, de acordo com modalidades diversas, em um outro (argumentos/dados/razões). Por definição, o argumento-dado visa a ancorar ou a refutar uma proposição [...] (ADAM, 2019, p. 146).

Quando Adam (2019) se refere às variantes, pode-se compreender a argumentação, mas, o que se deve enfatizar, é o momento em que menciona o que há em comum nessas referências. Tal fato em comum é a associação de um discurso argumentativo, atuando como interventor de opiniões e, sobretudo, que essa interferência busca tornar mais confiável ou aceitável um determinado enunciado, podendo também refutá-lo.

Ainda sobre argumentação, torna-se necessário compreender alguns aspectos. Anteriormente, ressaltou-se que a argumentação visa tornar confiável ou até refutável um determinado enunciado, mas, antes de tudo, deve-se compreender que, em uma situação de comunicação, deve haver um argumento/dado/conclusão.

Nessa perspectiva, o percurso que há entre o dado inicial e a conclusão, segundo De Pater (1965 *apud* ADAM, 1992), refere-se a uma “licença de inferência”, essa licença evita que inúmeras considerações caibam entre esses dados e a conclusão. Assim, a “licença de inferência” é como um ponto entre as premissas, os dados e a conclusão. Dessa forma, argumento/dado/conclusão serão

suficientes em algumas situações, mas, em outras, é preciso uma “licença de inferência”.

Partindo das considerações supracitadas, Adam (1992) faz uma consideração a respeito do percurso que há entre argumento/dado-conclusão que, segundo o autor, é pôr em relação os dados com uma conclusão, nesse percurso pode ocorrer uma relação implícita ou explicitamente fundamentada (suporte) ou contrariada (refutação).

Por fim, segundo Adam (2019), o esquema de base da argumentação é colocar a relação que há entre os dados e a conclusão. Devido a isso, Adam (2019, p. 158) afirma que “[...] o esquema de base da argumentação é uma relação de dados com uma conclusão [...]” Vale ressaltar, segundo o autor supracitado, que “[...] essa relação pode ser implícita ou implicitamente fundamentada (garantia e suporte) ou contrariada (refutação ou exceção)” (ADAM, 2019, p. 158). Em resumo, as diversas situações do cotidiano demandarão o uso de uma garantia ou de refutação mediante um ato discursivo, mas sempre haverá a relação dado/conclusão.

Agora a respeito das frases periódicas, vê-se em Adam (2009) que essas frases e a sequência argumentativa não são opostas, mas há um *continuum* de complexidade entre elas.

Vejamos o que Grize (1996, s/p *apud* ADAM 2009, p. 142-143) afirma:

[...] C2 como efeito de/visto que F I logo/ conseqüentemente (*sic*) C2' C2 [sejam prudentes ao pegarem a estrada esta manhã] Visto que F I [pois fez muito frio esta noite] (F I) conseqüentemente (*sic*) C2' [e arrisca ter gelo na estrada] [...]. Enunciados sucessivos desse tipo podem ser tomados como frases periódicas, que podemos chamar de argumentativas, na medida em que visam tornar seguro ou aceitável um enunciado (asserção/conclusão), porque se apoiam, segundo modalidades diversas, em outro enunciado (argumento/dado/fato).

Adam mostra na citação anterior um encandeamento de exemplos, o “C2” representa proposição declarada, já o “F1” representa valor de fato. No exemplo anterior, observa-se que esses enunciados visam tornar seguro ou aceitável a ideia de que determinados indivíduos devem ser prudentes, pois, possivelmente, existirão perigos na estrada.

Ainda sob essa perspectiva, Mesquita (2006 *apud* Adam 1999) afirma que o autor mencionado trabalha com uma concepção de texto hierárquica [texto > sequência > macroproposição > período > proposição > microproposição] e, dessa forma, no caráter hierárquico, as frases periódicas estariam postas no mesmo patamar das microproposições, ou seja, o menor deles. Além disso, Mesquita (2006 *apud* Adam, 2006), deixa evidente que a diferença entre os períodos e as frases periódicas é, especialmente, de complexidade. Assim, as frases periódicas são unidades textuais que visam tornar algo seguro, aceitável, por isso elas podem ser chamadas de argumentativas.

Sobre as frases periódicas ao protótipo da sequência argumentativa, Ducrot (1980, p. 81 *apud* Adam, 2009, p. 146) afirma que

Um grande número de textos literários, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, se apresentam como raciocínios. Seu objeto é, antes, demonstrar como refutar uma tese. Para fazer isso, eles partem de premissas, aliás, nem sempre explicitadas, supostamente incontestáveis, e tentam mostrar que não admitiríamos essas premissas

sem admitir também tal ou tal outra conclusão a conclusão sendo ou a tese a demonstrar ou a negação da tese de seus adversários, ou ainda a negação de certos argumentos de seus adversários. E, para passar das premissas às conclusões, eles utilizam diversas marcações argumentativas que eles acreditam que nenhum homem sensato possa se recusar a cumprir.

Quando Adam (2009) discorre sobre as frases periódicas, ele afirma que elas são ligadas por conectores argumentativos. Assim, compreende-se que as frases periódicas estão localizadas dentro de um texto e compõem um grupo de características que formam o protótipo da sequência textual argumentativa com um objetivo claro: defender ou refutar uma tese, um posicionamento. Ademais, as frases possuem conectores que possibilitam uma ideia de argumentação (mas); visando defender ou refutar um ponto de vista, ligado, obviamente, a uma pretensão conclusiva.

Por fim, as frases supracitadas são trechos de extensão inferior à sequência argumentativa, mas que carregam características que ajudam a compor tal sequência textual. A presença de frases periódicas dentro de textos que não são de natureza argumentativa é, sobretudo, demonstrar a presença de argumentação em outros textos tais como de natureza narrativa.

A fábula "O lobo e o cordeiro" por Adam

Adam (2019) divide suas concepções a respeito dos protótipos sequenciais em tópicos, para cada protótipo, ele define sua composição e trabalha com exemplos. Em especial e tendo em vista a pesquisa em questão, para a sequência textual narrativa, Adam traz um exemplo, a fábula "O lobo e o cordeiro", tal opção foi utilizada para demonstrar a natureza composicional heterogênea dos gêneros textuais. Dentre as concepções, fazem-se mais importantes, neste momento, os trechos argumentativos presentes na composição da fábula supracitada.

A fábula traz como tema central o intrigante e perigoso encontro casual de um cordeiro audacioso e de um lobo faminto à beira de um rio. Adam (2019) enriquece sua análise e chama atenção para o quanto é complexa a estrutura textual dessa fábula, focalizando o diálogo que há entre as linhas 07 a 26. Entretanto, o que interessa para a análise em pauta é a argumentação, portanto o foco será detido nela. A seguir, alguns versos da fábula de Fontaine "O lobo e o cordeiro" (ano X, Livro primeiro *apud* ADAM, 2019, p. 141).

Um cordeiro matava sua sede/
Numa corrente de água pura;/
Um Lobo apareceu inesperadamente,
em jejum, buscando aventura/
E a fome àqueles lugares o atraia /
O que te faz assim tão ousado a ponto de turvar a minha beberagem?
Disse o animal cheio de raiva [...] Senhor, responde o cordeiro,
que Vossa Majestade não se aborreça/
Mas antes de considerar/
Que eu vou saciar minha sede/
Na corrente, mais de vinte passam por cima dela/
E, conseqüentemente, de algum modo/
Eu não turvei, de resto, sua água [...].

No trecho acima, pode-se observar o diálogo inicial entre o cordeiro e o lobo. Primeiramente, tem-se a inevitabilidade da morte do cordeiro, pois o lobo que o encontrava estava em jejum e a fome o levava para a beira do rio à procura de algo para comer. Ao perceber que a

morte era iminente, o cordeiro inicia um diálogo com o lobo. A partir daí, pode-se observar que o cordeirinho começa a utilizar um argumento para se defender. Ele afirma que não era o único a beber água naquela fonte, tantos outros já fizeram isso. Assim, o cordeiro tenta justificar que o lobo não pode acusá-lo, visto que ele não era o único a cometer tal ato, portanto ele não turvava a água do lobo e se tivesse de punir, que punisse os inúmeros que já fizeram isso.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988 *apud* Adam, 2019) mencionam a respeito do uso da argumentação como uma maneira de evitar o uso da força, ou seja, no caso da fábula mencionada, para evitar a violência, a morte do cordeirinho. Os autores ainda frisam que tal argumentação visa uma persuasão racional. Assim, de acordo com o trecho retirado da fábula supracitada, essa racionalidade estaria na quantidade de cordeiros que passavam por ali para beber água, por isso não era um turvamento da água do lobo. Por fim, tal recurso argumentativo pretendia chegar à liberdade do animalzinho perante a fome do lobo.

Dessa forma, viu-se como o direcionamento à argumentação fez-se de suma importância dentro da narrativa mencionada, sem comportar-se como uma sequência dominante, ou seja, não tomou o espaço da narração, mas de uma maneira deslocada a conjunção adversativa “mas” levou a uma conclusão marcada pelo advérbio, conseqüentemente. Tal deslocamento marca a presença da atuação de uma frase periódica, que serviu, nesse caso, para possibilitar o desejo do cordeiro de manter-se vivo. A próxima seção trata sobre a metodologia de análise.

MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa apresenta um perfil teórico-prático. Utilizou-se do método indutivo, uma vez que, segundo Gil (2010), a observação é indispensável para que se atinja o conhecimento científico. Dessa maneira, o método indutivo possibilitou partir da observação de dados com fins a compreender a manifestação da teoria na amostra coletada. A análise se deu sobre um *corpus* de dez (10) fábulas do livro de Esopo: “O homem e a Doninha”, “A raposa e o porco espinho”, “A macaca e a raposa”, “A raposa e o corvo”, “O burro e o leão”, “As duas cadelas”, “O Leão, a Vaca, a Cabra e a Ovelha”, “O Juno e Pavão”, “A formiga e a mosca” e “O casamento do sol”.

A pesquisa se enquadra no tipo descritivo-explicativa, pois, de acordo com Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição de categorias de determinado fenômeno”, uma vez que a descrição dos fenômenos encontrados será indispensável para a análise das frases periódicas no gênero fábula. Quanto às pesquisas explicativas, Gil (2008) menciona que as pesquisas explicativas vão além da simples identificação de um fenômeno. Dessa forma, a pesquisa descritiva aproxima-se de uma explicativa quando apenas a identificação de um fenômeno, neste o caso das frases periódicas, não é suficiente, sendo necessário que o fenômeno analisado seja suficientemente descrito e detalhado.

A seleção desse gênero deu-se por sua fácil associação à sequência textual narrativa, portanto, a observação e a compreensão dos elementos teóricos se fizeram de maneira mais minuciosa. Deu-se preferência às fábulas menos populares do livro de Esopo, no intuito de expandir os estudos de textos ainda não tão trabalhados.

A análise norteou-se com a busca de argumentação por meio de frases periódicas nas dez (10) fábulas selecionadas e codificadas com a letra T (Texto) seguida de número como, por exemplo, T01. Tal observação levou em consideração os recursos linguístico-discursivos, ou seja, os operadores argumentativos, como o uso de conjunções coordenadas adversativas, subordinadas concessivas e o uso de adjetivos. Ademais, verificou-se a relação do uso de argumentação como forma de evitar o uso da força e como defesa, por parte da ação de um determinado personagem e, também, a relação argumentativa de "se p então q ".

Por fim, os dados foram analisados por meio de excertos extraídos das fábulas. Posteriormente, cada trecho selecionado foi comentado, recorrendo aos postulados teóricos e buscando compreender as observações sobre a argumentação por meio das frases periódicas. Na continuidade deste artigo, a próxima seção demonstra a análise dos dados coletados no *corpus* de dez (10) fábulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

FRASE PERIÓDICA NO GÊNERO FÁBULA E ARGUMENTAÇÃO

Na análise que se segue, mostra-se excertos retirados de dez fábulas de Esopo, com a finalidade de demonstrar a argumentação por meio de frases periódicas no gênero supracitado. Tais frases nada mais são que pequenos enunciados que carregam características de uma sequência textual argumentativa.

Ainda sob essa perspectiva, vale enfatizar, segundo Adam (2019), que as frases periódicas e uma sequência argumentativa não são opostas, mas há um *continuum* entre elas, ou seja, uma série de acontecimentos sequenciais interrompidos. Dessa forma, tais frases materializam-se como "um encadeamento de proposições ligadas por conectores argumentativos" (ADAM, 2019, p. 163), ao passo que uma sequência textual argumentativa possui extensão superior às frases e objetiva demonstrar, ou justificar uma tese, ou refutar uma tese, materializando-se, segundo Adam (2019), em dois movimentos: Justificativo e Dialógico.

Quanto à observação dos dados, constatou-se uma maior incidência de frases periódicas demarcadas pela presença da argumentação como forma de evitar a violência, e também pelo uso de qualificadores e de conectores adversativos como forma de defender um determinado propósito

argumentativo. Ademais, houve uma menor ocorrência de frases periódicas elementares, marcadas pela relação “se p então q”. A seguir, demonstrou-se os excertos extraídos das fábulas: “O homem e a Doninha” (T01) e a “A raposa e o porco espinho” (T02):

[01]

Um Homem que caçava ratos apanhou na armadilha uma Doninha. Esta, vendo-se em seu poder, *pediu-lhe que a soltasse, e disse em seu favor que ela nenhum mal lhe fazia, pelo contrário, limpava-lhe a casa de ratos e bichos.* (T01)

[02]

– *Se tu por acaso fizesses isso por bem, devia-te eu agradecimento; mas como o fazes por teres fome, não te devo nada, antes te quero matar, que se os bichos te faltarem, comerás o que é meu, pior ainda do que os próprios ratos.* (T01)

O excerto [01] apresenta uma Doninha à beira da morte e, diante da situação angustiante, a carnívora tentará, inutilmente, livrar-se da morte, alegando que ela não faria mal algum ao caçador, ao contrário, ajudaria na limpeza, livrando-o dos ratos. Entretanto, o homem não é convencido e disse que preferia matá-la. Para tal, toma-se por base o que diz Adam (2019) ao analisar a fábula “O lobo e o cordeiro”. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988 *apud* ADAM, 2019) falam a respeito do uso da argumentação como uma maneira de evitar o uso da força. No caso da fábula em questão, fica visível a tentativa da pobre Doninha de evitar a morte iminente por meio do uso de argumentos a fim de convencer o homem. No entanto, o homem se mostra irredutível e diz, conforme o excerto [02], que a Doninha não o faz nenhum favor e deve, antes de tudo, matá-la. A seguir, observe o excerto:

[03]

– Deixa-me espantar essas moscas para longe!
– Não, não — exclamou a Raposa —, não as perturbes. *Elas já sugaram tudo o que precisavam. Se as espantares, virá outro enxame faminto para me sugar o pouco sangue que me resta.* (T02)

Ainda sob a perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988 *apud* ADAM, 2019), há uma raposa fraca, atacada por moscas, e um porco espinho, oferecendo-se para espantar as moscas que ainda perturbam a raposa. Entretanto, abatida e, momentaneamente indefesa, a raposa recorre ao uso da argumentação, conforme o excerto [03], para evitar que o porco espinho a atacasse ao mencionar que as moscas já sugaram o que precisavam. Assim, não devia o porco espinho espantá-las, pois viria outro enxame para atacar. Dessa forma, a raposa livrou-se de um ataque faminto do porco espinho, prezando sua vida.

A partir disso, tem-se os excertos retirados, respectivamente, das fábulas: “A macaca e a raposa” (T03), “A raposa e o corvo” (T04), “O burro e o leão” (T05), “As duas cadelas” (T06) e “O leão, a vaca, a cabra e a ovelha” (T07). O excerto a seguir é da fábula “A macaca e a raposa”:

[04]

– Bem vês *que o teu rabo é demasiado grande, pois que até se arrasta e varre a terra;*

o que dele sobeja *podes-me dar a mim para cobrir estas partes* que vergonhosamente trago descobertas. *Antes quero que se arraste*, disse a Raposa, e varra o chão, e me seja peado, que aproveitares-te tu dele. *Por isso não te darei*, nem quero que coisa minha te faça proveito. E assim ficou a Macaca sem o rabo da Raposa. (T03)

Observa-se, no excerto extraído do (T03), um diálogo entre uma macaca e uma raposa, em que há a presença de um conector explicativo. Segundo Adam (2019), os conectores marcam a presença de um ponto de vista enunciativo. Conforme posto no excerto [04] há um conectivo pertinente: “Por isso”, representando o ponto de vista da raposa em relação ao pedido da macaca. Esse excerto é marcado por uma relação de “se *p* então *q*” posta no excerto em que a raposa se posiciona sobre o porquê não cederá parte de seu rabo. Dá-se continuidade com o seguinte excerto:

[05]

– Vê-se bem que *és formoso e gentil*, e poucos pássaros haverá que te ganhem. És bem disposto e muito galante; se por acaso soubesses cantar, nenhuma ave se compararia contigo. Envaidecido com estes elogios, e desejando fazer boa figura, o Corvo levantou o pescoço para cantar; *porém*, abrindo o bico, caiu-lhe o queijo. A Raposa apanhou-o e foi-se embora, ficando o Corvo faminto e ciente da sua própria ignorância. (T04)

Em relação ao excerto retirado da fábula (T04), existe uma breve interação entre uma raposa e um corvo. O primeiro animal deseja se apoderar de um pedaço de queijo que o corvo tinha na boca. Nessa perspectiva, Adam (2019) afirma que um enunciado de controle pode fazer o uso de qualificadores para auxiliar seu propósito argumentativo. Ao aplicar ao excerto (05), tem-se o uso de adjetivos, qualificativos, como “formoso” e “gentil”, auxiliando o propósito da raposa, que era convencer o corvo, bajulá-lo ao ponto de a ave acreditar que possuía tais características e, em seguida, ludibriado pela raposa, acreditar que poderia cantar também. A tentativa de cantar fez o queijo cair e a raposa conseguir tomar o alimento do corvo, atingindo seu propósito com auxílio de qualificadores. O excerto seguinte é da fábula “O burro e o leão”:

[06]

– Sai do meu caminho! Vendo este desatino e ousadia, o Leão deteve-se por um instante; mas prosseguiu logo o seu caminho, dizendo: Pouco me custaria matar e desfazer este Burro agora mesmo; *porém* não quero sujar os meus dentes nem as fortes unhas em carne tão *ordinária e fraca*. E seguiu caminho sem fazer caso dele. (T05)

Quanto ao (T05), tem-se o posicionamento de um leão a respeito da manifestação de um burro sobre a passagem por um determinado caminho. O discurso do personagem leão se torna seguro, aceitável e, atuando nesse contexto, percebe-se o uso de qualificadores e de um conectivo adversativo, conforme o excerto [06]. Adam (2019) afirma que o uso de qualificativos auxilia um determinado propósito comunicativo. Ademais, a presença de um conector marca a presença de um ponto de vista. Tal ideia pode ser observada no contexto da fábula em pauta, pois o leão usa qualificadores, como “ordinária e fraca”, para auxiliar seu posicionamento de que não vale a pena

matar o burro, pois sua carne é ordinária. Além disso, o uso do conector “porém” marca o ponto de vista do enunciado em relação a suposta morte do burro. Dá-se continuidade com a fábula “As duas cadelas”:

[07]

Tendo pena dela, a outra cadela cedeu-lhe o lugar, *mas* depois do parto pediu-lhe que se fosse embora. *Porém* a hóspede mostrou-lhe os dentes e não a quis deixar entrar, dizendo que estava de posse do lugar, e que não a tirariam dali a não ser por guerra e às dentadas. (T06)

A fábula (T06) possui uma breve interação entre duas cadelas, pois uma delas era dona de um confortável lugar para descansar, já a segunda cadela estava prestes a parir e não tinha um espaço para deitar-se. Então, o primeiro animal cede sua cama para a cadela que estava prestes a dar à luz. Percebe-se, na fábula em pauta, o uso de dois conectores adversativos: “mas” e “porém”, ao retomar Adam (2019), sobre o uso desses recursos coesivos, tem-se que eles marcam um ponto de vista. Dessa forma, percebe-se o posicionamento contrário da primeira cadela, dona da cama, a respeito de ceder seu espaço para a segunda cadela, pois ela menciona que cede seu espaço. Entretanto usa o conector “mas”, conforme o excerto [09], para demonstrar que não está doando definitivamente seu lugar para a cadela prestes a parir. Da mesma maneira, observa-se por meio do uso do conector “porém” o posicionamento da cadela parida, que se mostra contrária a devolver a cama emprestada. A seguir, o excerto da fábula “O leão, a vaca, a cabra e a ovelha”:

[08] Esta pertence-me por ser o mais *valente* de todos. Pegou numa terceira e disse: Esta também é para mim pois sou o *rei* de todos os animais, e quem na quarta mexer, considere-se por mim desafiado. Assim levou todas as partes, e os companheiros acharam-se enganados e afrontados; *mas* sujeitaram-se por não terem tanta força como o Leão. (T07)

Quanto ao (T07), há, após uma proveitosa caçada, uma repartição da caça, realizada pelo leão na presença de uma vaca, uma cabra e uma ovelha, que também participaram da atividade. Percebe-se no excerto [08] o uso dos qualificadores: “valente” e “rei” como um auxílio para tornar aceitável a força e a superioridade do leão e, conseqüentemente, tornar seguro a decisão dele de não dividir a caça com os outros participantes, conforme afirma Adam (2019). Ainda, segundo o autor supracitado, a respeito do uso de conectores, o conector adversativo “mas”, posto no excerto [08], apresenta o posicionamento “submisso” dos demais animais que participaram da caça, que por serem mais fracos, perdem a caçada para o leão.

Assim, observou-se que em todas as frases periódicas analisadas houve tentativas de tornar crível uma determinada ideia, tais tentativas recorreram ao uso da argumentação como forma de evitar o uso da força, como na fábula do “Homem e a Doninha”. Ademais, qualificadores e conectores adversativos, principalmente, foram cruciais para tornar aceitável uma determinada ideia, como no caso da fábula “O burro e leão”, em que o rei da floresta utiliza qualificadores para tornar aceitável o porquê não mataria o burro. Ademais, o uso de conectores adversativos foram fundamentais para demarcar o ponto de vista das personagens da fábula “As duas cadelas”.

Ademais, pode-se acrescentar a análise das fábulas “O Juno e o Pavão”, (T08), “A formiga e a mosca” (T09) e “O casamento do sol” (T10). Tais fábulas apresentam frases periódicas argumentativas elementares, pois a proposição “*p*” enuncia o dado que justifica a conclusão, esquematicamente “se *p* então *q*”. Além disso, segundo Toulmin (1996 *apud* ADAM, 2019), há uma regra de inferência, essa faz de alguma maneira uma ligação, uma “ponte”, entre um dado “*p*” para uma conclusão “*q*”. A partir disso, observe-se os excertos em questão:

[09]

Isso não vale nada, replicou o Pavão. - Antes queria saber cantar. Juno respondeu: - *Não podes ter tudo*. O Rouxinol tem voz, a Águia, força, o Gavião, ligeireza, tu *contenta-te (sic) com tua formosura*. (T08)

A fábula (T08) apresenta uma interação entre um pavão e um Juno, segundo personagem da narrativa, mas não tão esclarecido. Em tal interação, o pavão queixa-se por não saber cantar, e Juno responde que não se pode ter tudo. Nesse sentido, é interessante focar no excerto [09], pois, conforme Adam (2019), a expressão “não pode ter tudo” pode ser considerada um dado “*p*” para uma conclusão “*q*” “contenta-te com tua formosura”, para se chegar a tal conclusão, uma lei de inferência é estabelecida, pois cada ser vivo tem algo, seja voz, força ou ligeireza. Então, se não se pode ter tudo, deve-se conformar com o que se tem.

A seguir, a fábula “A formiga e a mosca”:

[10]

- Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como refeições saborosas, sento-me à mesa com o Rei e beijo as mais formosas damas. Tu, mal-aventurada, andas sempre a trabalhar. Respondeu a Formiga: - Tu és uma doida preguiçosa. Se pousas uma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e imundícies desprezadas por todos; *se te pões no rosto da dama ou à mesa com o Rei, não é por sua vontade mas porque és enfadonha e importuna*. (T 09)

Ademais, quanto ao (T09), há um discurso entre uma mosca mal-aventurada e uma formiga. Nesse discurso, pode-se extrair o seguimento do excerto (10) “Se te pões no rosto da dama ou à mesa com o rei” como, segundo a afirmação de Adam (2019), “se *p* então *q*”, um dado para a conclusão: “[...] não é por sua vontade, mas porque és enfadonha e importuna”. Para se chegar a tal conclusão, o fato de ainda no excerto [10] a mosca comer alimentos sujos faz uma ponte para se concluir que uma dama, como posto no excerto, não estaria confortável com algo sujo, imundo em seu rosto, por isso a conclusão de que a mosca é importuna. Por fim, tem-se a fábula “O casamento do sol”.

[11]

Dizem que em certo tempo o Sol desejou casar-se, e toda a gente, desagradada com isso, se foi queixar a Júpiter, dizendo que no verão sofriam muito com um Sol que os abrasava com os seus raios, donde concluíam que *se o Sol se casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo* [...] sendo todas as três zonas tórridas não teriam as pessoas onde viver. Tendo compreendido isso, *Júpiter ordenou que o Sol não se casasse*. (T10)

Ela apresenta a situação em torno de um possível casamento do sol. A informação posta no excerto [11] merece destaque, uma vez que o trecho “se o sol se casasse e viesse a tarde filhos, queimaria o mundo todo”, tal trecho pode ser considerado como um dado para a conclusão: “[...] Júpiter ordenou que o Sol não se casasse”. A distância entre o dado posto e a conclusão possui como “ponte” a ideia do perigo que seria para o mundo tal casamento, pois haveria grandes queimas, dessa forma, para evitar esses problemas, o casamento foi impedido. Ao fim, a análise das dez (10) fábulas seguiu, didaticamente, uma divisão. Primeiramente, foram analisadas as frases periódicas, introduzidas pelas fábulas que apresentavam o uso da argumentação como forma de evitar a violência. Posteriormente, analisou-se a pretensão de tornar crível uma determinada ideia, para isso, tais fábulas recorreram ao uso de qualificadores e de conectores adversativos, principalmente, como forma de demarcar um posicionamento. Por fim, constatou-se a presença de frases periódicas elementares, explicadas pela relação “se p então q ”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trata da presença de argumentação por meio de frases periódicas no gênero fábula. Esse artigo foi motivado pela inquietação em compreender como era possível encontrar argumentação em fábulas, além do desejo de contribuir com as pesquisas acerca da heterogeneidade textual. Pôde-se observar com a análise das dez (10) fábulas, seguindo os postulados de Adam (2019), que as frases periódicas visam tornar crível um enunciado. A argumentação, nesses textos narrativos, ocorre por meio de frases argumentativas periódicas e frases periódicas argumentativas elementares.

As frases periódicas mostram-se dominantes no *corpus* analisado, dos dez textos escolhidos, sete apresentam as frases em questão. Dessas sete, duas apresentam a argumentação como recurso para evitar o uso da violência e seis apresentam o uso de qualificadores e de conectores adversativos e explicativos como meio para expressar um determinado posicionamento. Tais fatores possibilitam concluir que a presença do uso de qualificadores e de recursos coesivos são cruciais para a presença de argumentação nas fábulas escolhidas. Dessa forma, fique esclarecido que tais fatores são importantes, entretanto, não são uma obrigatoriedade.

Ademais, encontra-se em duas fábulas a presença de frases periódicas argumentativas elementares, materializadas pela questão “se p então q ”, a ligação de um dado a uma conclusão se deu por meio de uma “lei de inferência”. Tais frases não focam no uso de qualificadores, recursos linguísticos ou na necessidade de evitar a violência, uma delas em especial utiliza adjetivos e um conector adversativo, mas que não contribuem efetivamente para tornar aceitável um posicionamento. Por fim, em tais casos, prevalece a relação dado/conclusão auxiliados por uma lei de inferência.

Uma observação pertinente é que o *corpus* em questão possui fábulas com e sem diálogos, mas tal fato não interferiu na presença de argumentação por meio das frases periódicas, pois foi

possível registrar a presença de frases periódicas e de frases elementares em ambas as fábulas. Por fim, foi possível encontrar argumentação no gênero fábula, de natureza narrativa, por meio de frases periódicas, com o auxílio, principalmente, de qualificadores e de recursos linguísticos. Ademais, a argumentação também se materializa por meio de frases periódicas elementares, levando em consideração “se p então q ” e com o auxílio da lei de “inferência”.

Por fim, esse trabalho pode contribuir para a os estudos de estudantes de graduação em Letras, uma vez que tal trabalho apropria-se das definições de Adam (2019) a respeito do conceito de frases periódicas e busca demonstrar a atuação dessas frases em um *corpus* de dez fábulas de Esopo. Ademais, tal análise em um corpus específico possibilita a identificação de componentes cruciais para a identificação das frases periódicas e da existência de frases periódicas elementares.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Le textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.

ADAM, Jean-Michel. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. *In*: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.

ADAM, Jean-Michel. Uma abordagem textual da argumentação: esquema, sequência e frase periódica. *In*: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 133-158.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, Jean-Michel. **Textos tipos e protótipos**. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo, Contexto, 2019.

Esopo. **Fábulas de Esopo**. Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2008.

MARQUESI, Sueli Cristina. Contribuições da análise textual dos discursos para o ensino em ambientes virtuais. **Linha d'Água**, n. 26 (2), p. 185-201, 2013.

MESQUITA, Lívia de Lima. **Relações argumentativas entre topoi e lei de inferência**. 2006. 117f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2006.

SILVA, Silvana. Proposição, frase, período: uma questão epistemológica ou hermenêutica? **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 129-144, 2019.